

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS  
PRO REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE APOIO À PESQUISA  
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

O ALÇAMENTO DAS VOGAIS ANTERIORES TÔNICAS  
NO PORTUGUÊS FALADO EM BORBA NO AMAZONAS

Bolsista: Ketlen Gomes Nascimento, CNPq

MANAUS  
2011

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS  
PRO REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE APOIO A PESQUISA  
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

RELATÓRIO FINAL  
PIB – H – 0075/2010

O ALÇAMENTO DAS VOGAIS ANTERIORES TÔNICAS NO  
PORTUGUÊS FALADO EM BORBA NO AMAZONAS

Bolsista: Ketlen Gomes Nascimento, CNPq  
Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Sandra Campos

MANAUS  
2011

## RESUMO DO RELATÓRIO

Analisa o movimento alçado das vogais anteriores tônicas em determinados contextos fonológicos, recorrentes na fala do borbense. A fala do povo amazonense em geral não é assunto de muita investigação no meio acadêmico, desta forma, o presente projeto visa contribuir para a sociedade científica, colhendo informações e divulgando a variação na fala do borbense, mais especificamente sobre o alçamento das vogais tônicas anteriores. Além disso, nosso objetivo focaliza o ensino da Língua Portuguesa nas escolas, contribuindo com mais um feixe de variantes da região. Com o intuito de apresentar o movimento alçado, identificando em quais contextos fonológicos o fenômeno é mais recorrente, e se o fenômeno está presente em todos os contextos sociais, foi feita uma coleta de dados na zona rural do município de Borba, considerando fatores diatópicos e diastráticos. Entrevistamos pessoas das três faixas etárias (jovens, adultos e idosos), com idade entre 14 e 87 anos e verificamos que o fenômeno acontece com mais frequência entre os idosos com nenhum grau de escolaridade. Através de um estudo diacrônico da língua, verificamos que no latim, o que hoje pode ser apontado como alçamento das vogais anteriores, por exemplo [iɫi], pronome pessoal na fala do borbense, pode ser oriundo de [ille] pronome demonstrativo.

# SUMÁRIO

	pg.
Introdução.....	1-4
Fundamentação teórica.....	5-8
Desenvolvimento.....	9-10
Conclusões.....	11-12
Fontes e referências.....	13-14
Cronograma.....	15
Anexos.....	16-32
Informante 01.....	16-21
Informante 02.....	22-28
Informante 03.....	29-32

## INTRODUÇÃO

Embora os estudos linguísticos tenham alcançado uma proporção bastante expressiva no contexto da pesquisa científica, os estudos no Amazonas ainda se mostram bastante incipientes.

O português falado na região ainda carece de maior atenção por partes dos estudiosos como uma forma de revelar e colaborar com o volume de textos que vêm sendo divulgados no país pelos pesquisadores da área. Desta forma, estaremos trazendo à baila diversos fenômenos que constituem a língua, e assim, proporcionando para o reconhecimento dos fenômenos que se somam para formar o grande feixe de variantes que servem para compor a heterogeneidade da língua.

A fala local, principalmente a que é usada nos vales amazônicos, enfrenta uma carga desnecessária de preconceito linguístico, fato que, de uma forma ou de outra, corrobora com o forte estigma direcionado ao seu falante. A exemplo disso, a fala do homem borbense, especificamente daquele que habita a zona rural, mais conhecido como caboclo, desencadeia uma série de especulações acerca de sua constituição.

Como foi apontado por muitos estudiosos, a região foi palco de inúmeras formas de expressões diferenciadas, proporcionadas pelas várias etnias aqui fixadas. Entretanto, não podemos negar a forte influência que o português, transplantado para a região no auge de sua colonização pelo europeu, exerceu na cultura local. A região de Borba, além da forte influência que sofreu dos povos nativos, localizados na extensão do Rio Madeira, teve influência linguística do colonizador açoriano, que veio atender a uma política de aportuguesamento da região, determinada por Marquês de Pombal.

Não muito diferente das raras exceções, por exemplo, a assimilação da língua do dominado pelo dominador, como é o caso do fenômeno da

romanização, a tendência é o povo dominado absorver a língua do dominador. O caboclo reificado absorveu a língua portuguesa como sua língua materna, e com isso, negou parte de sua identidade.

Em consequência da falta de uma política desenvolvimentista para a região amazônica nos séculos que sucederam a colonização portuguesa, houve o enraizamento do homem interiorano em suas comunidades de fala, fato que contribuiu para que a fala passasse por um estágio de conservação, haja vista o isolacionismo a que o homem foi destinado.

Na verdade, este trabalho é uma forma de direcionar um olhar crítico sobre o desamparo pelo qual o homem ribeirinho teve que se submeter por décadas afora. Longe dos grandes centros de ebulição de fala, esse homem conservou sua maneira de falar. Assim sendo, este mesmo homem estigmatizado pelo preconceito linguístico e social está colaborando para a criação de variantes que circulam de geração a geração, contribuindo para o enriquecimento da língua. Não falamos diferente porque assim o queremos, falamos diferente porque somos diferentes, afinal, o que apregoa a Sociolinguística se não a diversidade lingüística que se sustenta no seio da sociedade?

Desta forma, justifica-se este pequeno estudo como uma maneira de se romper com os nós sociais, ocasionados pelos olhares adversos aos “diferentes” no seu *modus vivendi*. Além disso, pretendemos colaborar com os avanços dos estudos sobre a língua nas escolas, como uma forma de almejar uma política para o ensino da língua portuguesa no âmbito escolar.

Propor a descrição do fenômeno linguístico que constitui a variante regional, provocada pelo movimento alçado das vogais anteriores tônicas em determinados contextos fonológicos, recorrentes na fala do homem borbense é nosso objetivo maior e, em subsequência, identificar em quais contextos fonológicos o fenômeno é mais recorrente; identificar se o fenômeno está presente em todos os contextos sociais e verificar se existe relação do

fenômeno em estudo com a fala do homem local e do colonizador europeu.

Por ser um estudo de natureza quali-quantitativa, estruturamos o *corpus* a partir de critérios pré-selecionados. A pesquisa será realizada em Borba, município que está situado na mesorregião do Rio Madeira.

As entrevistas realizaram-se de forma espontânea, através de perguntas relacionadas ao cotidiano da comunidade local. Escolheremos informantes do gênero masculino e feminino, com o seguinte perfil:

- a) terem nascido e serem moradores da região em estudo, sem nunca terem se afastado dela por longos períodos;
- b) de preferência que possuam baixo ou nenhum grau de escolaridade;
- c) terem idade igual ou superior a 14 anos (consideramos faixas etárias a partir dessa idade, por entendermos serem as entrevistas mais produtivas, em termos de volume de informação e qualidade dos dados), constituindo um gJ (grupo de jovens), um gA (grupo de adultos) e um gI (grupo de idosos);
- d) e não terem ultrapassado o ensino fundamental (em função de, em muitas das localidades, não haver condições de se ir além das quatro primeiras séries escolares, estabelecemos o ensino fundamental como limite na seleção dos informantes).

Para garantir a representatividade da amostra, selecionamos para cada grupo, subgrupos formados por dois informantes, estratificados em duas células para o fator gênero e em três para o fator faixa etária, ficando assim distribuídos:

- a) gJ – com faixa de idade entre os 14 e 20 anos
- b) gA – com faixa de idade entre os 21 e 54 anos
- c) gI – com faixa de idade entre os acima de 55 anos

Os inquéritos foram gravados com gravador MD - OLYMPUS – PEARLCORDER S725. Os arquivos sonoros serão extraídos dos registros produzidos, utilizando-se o programa *Xilisoft DVD Audio ripper* 2.0.58 build-1208. Após as gravações, recolhemos dados pessoais dos informantes através de ficha, incluindo autorização para utilização dos dados em futuras publicações.

## FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Os fenômenos que constituem a língua podem ser analisados em duas vertentes: no contexto linguístico e no contexto sociolinguístico.

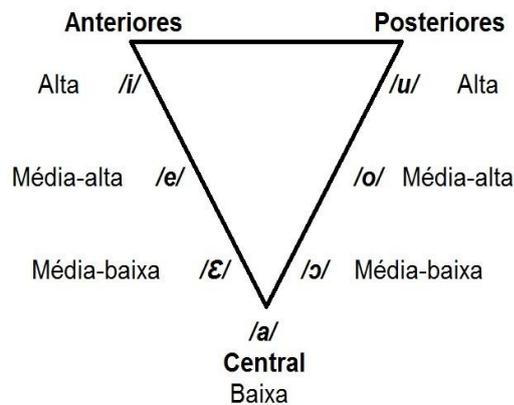
No contexto linguístico, este estudo se insere no âmbito da Fonética e da Fonologia. Cagliari aponta a Fonética como a responsável pela descrição dos fatos físicos que caracterizam linguisticamente os sons da fala e a Fonologia pela interpretação dos resultados das análises fonéticas.

No contexto sociolinguístico, a mensuração dos dados é realizada no contexto social, buscando guarida no âmbito dos postulados sociolinguísticos, mais precisamente nos estudos variacionistas, apresentados a partir de Labov.

A variação ocorre através de duas maneiras. A primeira se deve ao fato de que a fala é realizada no contexto social, as pessoas que produzem essas falas não são homogêneas (iguais), logo suas falas também não serão, ocasionando a ocorrência das variações. O segundo motivo é que a variação pode acontecer também pela posição dos fonemas, que tanto vocálicos como consonantais, são muito próximos, fazendo com que ocorra essa variação.

No contexto lingüístico, temos o alçamento que, segundo Thaís Cristófar, é o movimento vertical que a língua assume no trato vocal, representando, portanto, a elevação que uma vogal assume quando passa de um nível de articulação baixo para outro mais alto. Ocorre, por exemplo, a elevação do traço da altura das vogais médias anteriores [ɛ] > [e] > [i] até chegar ao seu fechamento máximo, por exemplo, a vogal anterior alta [i].

Como vemos na ilustração abaixo as vogais, /e/ e /i/ estão muito próximas, daí a possibilidade daquela se transformar por esta.



Como exemplo retirado do corpus da pesquisa, temos:

Naqu[i]l[i] (exemplo da ocorrência do fenômeno do alçamento em vogais anteriores tônicas na fala do borbense).

No exemplo temos o fenômeno da neutralização em posições átonas:

- a) naquel[i] (típicas no Português brasileiro)
- b) e em posições tônicas naqu[i]Le (atípicas no português brasileiro).

Esse processo é caracterizado pela mudança dos fonemas. E por que os fonemas mudam? Um aspecto relevante que podemos considerar no processo da variação dos sons é a contribuição de Rosetti (**Introdução à fonética**. Trad. Maria Leonor Carvalho Buesco. 2. ed, rev. e ampl. Lisboa: Publicações Europa-América, 1962.), ao afirmar que o som linguístico pode, pois, variar até

ao limite em que a variação produz a sua passagem a outro som, essa mudança ocorre porque o som é uma matéria, e toda matéria é passível de mudança, como nos exemplos:

[f]ava e [v]aca, [p]ela e [b]ela.

Nos exemplos acima ocorre a variação, de /p/ e /b/ e /f/ e /v/, pois as consoantes possuem traços distintivos mínimos o que permite a mudança, tendo em vista que todo som é uma matéria e que toda matéria é passível de mudança.

O resultado dessa mudança, segundo o estruturalismo, pode resultar em neutralização.

Segundo Trubetzkoy a neutralização é a titulação descrita na Fonologia para determinar o que acontece quando a distinção entre dois fonemas se perde em um determinado ambiente. Por exemplo, temos neutralização em m[e]nino, que, em geral, varia com m[i]nino.

A alofonia (variação), que ocorre em consequência do processo, é típica em ambientes átonos no Português do Brasil PB, como no exemplo:

*pente* - > *pent[i]*

O que temos acima é a variação do vocábulo *pente* que se transforma na fala em *pent[i]* em boa parte do país. Existem lugares em que não ocorre o fenômeno da neutralização, como por exemplo, Santa Catarina.

O fenômeno ocorre de maneira atípica no falar do borbense. Diferente do comum no PB esse fenômeno ocorre em posição tônica. Para se mensurar os fenômenos linguísticos do ponto de vista da Sociolinguística, leva-se em conta os fatores reguladores da variação e/ou mudança: fator diatópico e diastrático.

Fator diatópico é aquele que determina a região ou o espaço físico onde ocorre a variação, está ligado diretamente com a noção de território geográfico, é o que acontece, por exemplo, na região nordeste que possui uma fala bem diferente das outras regiões delimitada pelo espaço geográfico.

Fator diastrático é o que determina os aspectos sociais no qual o indivíduo está inserido, tais como, faixa etária, se o fenômeno ocorre na fala de um informante jovem, adulto ou idoso; grau de escolaridade, diz se informante é iletrado ou possui algum nível escolar; gênero, se o informante é do sexo feminino ou masculino etc., por exemplo, de acordo com os dados que já foram realizados até o momento percebemos que a realização do fenômeno é mais recorrente na fala de informantes do sexo masculino, idosos e sem nenhum grau de escolaridade.

## DESENVOLVIMENTO

O primeiro passo do desenvolvimento da pesquisa foi a escolha do tema feita com a ajuda de minha orientadora, segundo o que nos propusemos a investigar: o alçamento das vogais tônicas anteriores, e escolhemos Borba pois, através de um conhecimento breve já sabíamos que esse fenômeno ocorriam na fala de alguns de seus falantes.

Como já foi mencionado, esta pesquisa se insere no campo de estudo da fonética e da fonologia e o interesse pela mesma surgiu quando tive contato com a disciplina Fonética e Fonologia da língua portuguesa. O fenômeno estudado é bastante peculiar e por esse motivo merece ser estudado no intuito de descrevê-lo e descobrir os possíveis motivos de sua ocorrência.

O ponto de partida para a realização do projeto foi levantar referências bibliográficas que dessem suporte à pesquisa. Nesse levantamento encontramos autores fundamentais para o desenvolvimento do trabalho. Começamos por Mattoso Câmara Junior que organizou todos os sons vocálicos em um esquema simples, sendo de grande valor para o estudo em questão, já que trataremos das vogais anteriores (alta [i], média-alta [e] e média-baixa [ɛ]). Thaís Cristófaró também é uma referência importante, pois ela descreve, através de figuras e esquemas, o processo para produção da fala. As outras obras falam especificamente do fenômeno alçamento, como ele é o que é necessário para sua produção etc.

A sociolinguística é um dos ramos da linguística que dá base a esta pesquisa. Falar de sociolinguística é falar de Labov, considerado o pai da corrente teórica que trata da relação da fala com a sociedade. Para a sociolinguística as variações linguísticas só acontecem dentro de uma

sociedade, visto que falantes heterogêneos culturalmente, socialmente e

intelectualmente se comportam de maneira diferente em relação as suas falas. Para a sociolinguística não há possibilidade de ocorrer variações em ambientes fechados, é necessário que haja a relação da língua com a sociedade em que ela está inserida.

Depois do levantamento bibliográfico, que foi constante em toda a pesquisa, passamos para a realização de fichamentos, destacando os pontos importantes de cada obra ou fragmento lido e depois demos sequência com a coleta de dados.

Neste intervalo de tempo, tivemos a apresentação oral do relatório parcial, no qual apresentamos os progressos que tivemos durante, mais ou menos, cinco meses de trabalho. Após isso, aproveitando o recesso escolar, iniciamos a coleta de dados.

A coleta de dados foi realizada na zona rural de Borba, foi feita através de perguntas diretas sobre o dia-dia do entrevistado, perguntas relacionadas à vida e ao trabalho dos informantes. Entrevistamos homens e mulheres de faixa etária diferente para que a análise comparativa fosse feita e pudéssemos verificar na fala de informantes de qual gênero, de qual faixa etária, de qual grau de escolaridade o fenômeno é mais recorrente.

As entrevistas foram gravadas com gravador MD- OLYMPUS – PEARLCORDER S725 em ambiente bem tranquilo para a melhor obtenção da qualidade sonora.

## CONCLUSÕES

Depois de ter feita a coleta dos dados, começamos a análise. Procuramos nos deter naqueles informantes que mais realizam o fenômeno e a partir daí chegamos aos resultados finais. Os falantes que mais realizam o fenômeno são os idosos, de ambos os sexos e sem escolaridade, que nasceram e foram criados em Borba. O fenômeno é mais recorrente em pronomes pessoais e demonstrativos.

Para exemplificar o resultado escolhemos fragmentos da entrevista com o informante nº 1.

Dados de identificação do informante:

Nome: Jup

Idade: 73 anos

Local de origem: São Paulo (Igarapé Çuaçu – município de Borba)

Profissão: lavrador, comerciante

Escolaridade: iletrado

Aqui veremos um trecho da entrevista em que o informante realiza o fenômeno.

E- o nome daqueles barcos que vocês utilizavam, antigamente, com toldo?

I - Com toldo? O nome é...é batelão, mas o nome do mutur, do nosso mutur era Santa Terezinha. Um batelão de dê doze metro. Um batelão assim dê tábuá, né? Não sei como [iλis] fázi [isis] grande, como tem o mutur da linha, né? Mesmo tipo, mas é pequeno.

Este pequeno fragmento é um exemplo onde constatamos que o fenômeno do alçamento está sendo realizado nos pronomes: pessoal (ele) e demonstrativo (esses).

Depois de verificarmos que o fenômeno é recorrente na fala de idosos com baixo ou nenhum grau de escolaridade recorreremos às gramáticas latinas

para a explicação da ocorrência do fenômeno e constatamos que os pronomes na língua portuguesa sofreram modificações, talvez evoluções, mas o que vemos na fala do borbense é a própria realização dos pronomes do latim clássico. Sabemos que o português é uma língua românica e por isso alguns vocábulos ou até mesmo fenômenos que realizamos procede diretamente do latim.

A partir desse fato encontramos no latim resposta e exemplos para a ocorrência do fenômeno do alçamento em vogais anteriores em posição tônica, alguns vocábulos nos mostram isso:

Pronomes demonstrativos:

*iste, ista, istud* – esse, essa, isso

Casos	Masc.	Femin.	Neutro	Masc.	Femin.	Neutro
nom.	<i>iste</i>	<i>ista</i>	<i>istud</i>	<i>isti</i>	<i>istae</i>	<i>ista</i>
gen.	<i>istius</i>	<i>istius</i>	<i>istius</i>	<i>istorum</i>	<i>istarum</i>	<i>istorum</i>
acus.	<i>istum</i>	<i>istam</i>	<i>istud</i>	<i>istos</i>	<i>istas</i>	<i>ista</i>
dat.	<i>isti</i>	<i>isti</i>	<i>isti</i>	<i>istis</i>	<i>istis</i>	<i>istis</i>
abl.	<i>isto</i>	<i>ista</i>	<i>isto</i>	<i>istis</i>	<i>istis</i>	<i>istis</i>

*Iste*: segunda pessoa ou sentido pejorativo (teu, tua, vosso):

*Iste liber*, teu livro, esse ‘livreco’

*ille, illa, illud* – aquele, aquela, aquilo

Casos	Masc.	Femin.	Neutro	Masc.	Femin.	Neutro
nom.	<i>ille</i>	<i>illa</i>	<i>illud</i>	<i>illi</i>	<i>illae</i>	<i>illa</i>
gen.	<i>illius</i>	<i>illius</i>	<i>illius</i>	<i>illorum</i>	<i>illarum</i>	<i>illorum</i>
acus.	<i>illum</i>	<i>illam</i>	<i>illud</i>	<i>illos</i>	<i>illas</i>	<i>illa</i>
dat.	<i>illi</i>	<i>illi</i>	<i>illi</i>	<i>illis</i>	<i>illis</i>	<i>illis</i>
abl.	<i>illo</i>	<i>illa</i>	<i>illo</i>	<i>illis</i>	<i>illis</i>	<i>illis</i>

*Hic... ille*: esses demonstrativos são muitas vezes empregados simetricamente: *hic* se refere à última pessoa citada; *ille*, à primeira:

*Galli et Romani pugnant; hi uincunt, illi uincuntur.*

Gauleses e romanos lutam; estes vencem, aqueles são vencidos.

Fonte: (<http://www.latim.ufsc.br/Pronomes.htm>)

## FONTES E REFERÊNCIAS

### Livros:

ALKMIM, Tânia. Sociolinguística. In: Introdução à lingüística: domínios e fronteiras. Fernanda Mussalim e Anna Christina Bentes (orgs.). 2. ed. - São Paulo: Cortez, 2001.

CAGLIARI, Luiz Carlos. Análise fonológica. Introdução à teoria e à prática com especial destaque para o modelo fonêmico. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

CAMARA JR., J. Mattoso. História e estrutura da língua portuguesa. 2. ed. Rio de Janeiro, Padrão, 1976.

CAMPOS, Maria Sandra. O falar de Borba: aspectos fonético-fonológicos.

FURLAN, Oswald A. Gramática básica do latim/ colaboração de Raulino Bussarello. 3ª edição – Florianópolis: Ed. Da UFSC, 1997. 120 p. :il – (série didática).

COUTINHO, Ismael de Lima. Pontos de gramática histórica. 7ª Ed. Ver. Rio de Janeiro, Ao livro técnico, 1976.

LABOV, W. Sociolinguistic Patterns. Philadelphia: University of Pennsylvania, 1972.

SILVA, Thaís Cristófar. Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

ROSETTI, A. Introdução à fonética. Trad. Maria Leonor Carvalho Buesco. 2. ed, rev. e ampl. Lisboa: Publicações Europa-América, 1962.

TRUBETZKOY, N. (1939). Principles of phonology. Berkeley: University California Press. Tradução, 1969.

Dicionário:

DICIONÁRIO DE LATIM – Português, 3ª edição, 2008,  
Editora Porto.

Site:

<http://www.latim.ufsc.br/Pronomes.htm>

## CRONOGRAMA

<b>Descrição</b>	Ago/10	Set/10	Out/10	Nov/10	Dez/10	Jan/11	Fev/11	Mar/11	Abr/11	Mai/11	Jun/11	Jul/11
Recolha dos dados						R						
Análise dos dados						R	R	R				
Levantamento bibliográfico	R	R	R	R	R	R	R	R	R	R		
Elaboração do Resumo e Relatório Final											R	R
Preparação da Apresentação Final para o Congresso											R	R
Defesa do Projeto												

## ANEXOS

### Amostras do *corpus*

Falante: nº 01  
Nome: JuP  
Idade: 73 anos  
Local: São Paulo (Igarapé Çuaçu-Mun. de Borba)  
Profissão: lavrador – autônomo  
Escolaridade: não tem

E-Qual o meio de transporte que vocês utilizavam, antes, quando moravam lá no interior?

F-No interiô ... eu trabalhei em juta.

E-Como vocês se locomoviam pra virem pra cidade?

F-É ... em canoa. Purquê naquele tempo era difícil motor, né? huje não, já existe tanta coisa, né?

E-Hoje, [vocês] ...!

F-[Tem] um motorzinho, teve rabeta, já teve um quatro, já teve um três e meio, já teve um voador, né?

E-Que é um quatro?

F-Um quatro é um motor de fogo, é um motor marítimo, compreendeu! Um casco dê doze metro.

E-E quais são as espécies de canoas que vocês tem?

F-Nós [tem] ...

E-[Como] é que chamam as canoas?

F-Canoa! Tem a canoa de [forma] ...

E-Canoa de forma?

F-É. Tem canoa de farca, e tem casco dê péscá.

E-Canoa de farca como é?

F-É. Farca batido. É uma montada pôr riba dôtra.

E-Como é que faz?

F-Faz dê ... (inint) ... bota uma caverna, né? vai muntando. E daquelas de forma, vai só encaxando a tauba, né?

E- Vocês mesmos faziam?

F-Não, a gente mandava fazê, né?

E-E o casco, como é que é feito?

F-O casco, eles fázi dê pau, [pau]-, assim, intêro, né? Faz ... [faz]- a prua...então fica bonito! quê não vaza água, né? pra pescá!

E-Ah! É próprio pra pescar?

F-Pra pescá, é.

E-Na hora de alagar, não é perigoso?

F-Não! Que a gente sabia anadá, né? (risos)

E-Como é que chama aquela parte da frente do barco?

F-É proa!

E-E de trás?

F-É a popa.

E-Embaixo tem uma madeira que serve pra orientar. Como se dá o nome?

F-É, não, é quilha, é. Que dá pra indireitá, né?

E-Aí, o pessoal vai com o [remo] ...!

F-[Só] remando!

E-O de trás, faz o quê?

F-O dê trás vai indireitando.

E-E o da frente?

F-Da frente, vai remando.

E-O nome daqueles barcos que vocês utilizavam, antigamente, com toldo?

F-Com toldo? o nome é ... É batelão, mas o nome do mutor, do nosso mutor, era Santa Terezinha. Um batelão dê doze metro. Um batelão assim, dê tábua, né? Não sei como [*ilís*] fázi [*isis*] grande, como tem o mutor da linha, né? mesmo tipo, mas é péqueno.

E-Motor da linha é o que [fazem] ...?

F-É o mesmo batelão, que faz o mutor da linha, faz o péqueno, né? nós cumpremo dê duze metro.

E-Serviam pra carregar as mercadorias?

F-Servia pra caregá mercaduria <ba->...pesos, como melancia. Cansei dê levá mil e cento e cinqüenta melancia pra Manaus, e ariscando mia vida, mas como hume trabalhador, só qu'eu foi um hume trabalhador, gosto dê trabalhá.

E-Vocês vendiam pra atravessador?

F-Era atravessadur, era pra Manaus, essas coisas assim.

E-Como era o nome daquele comerciante que saía de porto em [porto] ...?

F-<-sse> ... comerciante, [é] ....

I-[Era] regatão.

F-Regatão chamado.

E-Não existe mais?

F-Não! hoje não, hoje é mutur da linha ... que vende a mercadoria. É o tal de regatão. (risos). (vozes).

E-Esse batelão, que mais carregava?

F-Produto ... castanha ...! nós negociava na bêra ... A mercadoria era bóracha, era todo, surva, juta ... tudo nós conduzia.

E-E não tem convés, né?

F-É, não, é, nosso não tinha convés.

E-Porque, pra carregar esses produtos não [podia] ...!

F-[Tê] convés, não!

E-E o rio! Tem muito medo? O rio tá agitado?

F-Não, o rio sê agitado mês dê março. Com [isi] tempo ainda é bom dê viajá, né? <-gora> mês dê março é que é pirigoso

E-Perigoso, por quê?

F-Causa dô rebôjo. Coridera, aquelas curenteza muito forte, né? ... tão é pirigoso.

E-Tem pedra?

F-Pedra! Não, pedra é agora na séca.

E-E peixe! Tem algum peixe que tem medo?

F-A gente pode tê medo do pêxe, como jaú, pirarara, né? tubarão, também tem no Madêra.

E-Na água a gente encontra aqueles fenômenos do [funil] ...?

F-[Funil]! Aquele é pirigoso, né? aquilo que é pirigoso, dê repente roda e alaga, vai embora pra fundo, né?

E-E aí, a pessoa morre?

F-Não, quando a pessoa sabe anadá ... [iɫi] sê salva, né? ... <-gora> quando não sabe[iɫi] vai rodando inté na tera. É, purquê aquilo vai pará na tera.

E-Tu acredita em encantamento?

F-Não, eu posso ... <-té> acreditá, né?

E-Lembra de algum caso?

F-Não, purquê ... essa Fôluca que é do Mágiro, ela diz que ... pessuar quê cuntávu,

que ela contava, né? Que, ela morava ali pra baxo, e o buto sê servia dela, né? Ela amanhecia pitiú, [pitiú]-. E quando foi uma vez aqui, no Frechal, eu foi só eu ... aí, mé chamáru logo à buca da nuite:

- Ei Juvenal!

Aí, eu disse:

- Ei rapaz! quê é? Eu só dôrmo com a lanterna ... puxê a lanterna dê dentro do musquetêro (inint), num vi ninguém. E digo:

-êh, rapaz.

Eu durmí. Demorô, chegô uma mulher brânca, mas eu durmindo, no meu sonho, né? Aí, eu disse:

- com quem a sinhora veio? Ela disse:

- eu vim no mutur do Chave.

- Que a sinhora veio fazê?

E disse:

- eu vim ficá cum vucê.

- mas sê <-ocê> nem mé cunhece.

Eu disse:

- Sinhora não é buta?

Nessa hora eu foi mé acordando. Buto tava buiando lá na buca do igarapé.

E-Você acha que [era] ...

F-[É]. (risos) É purquê meu érmão Chico, ele com o seu Sabá ... ela <-inda> tá vivo, compreendeu! Ele conta, com cem metro dê distância, tá no pedrêra (latido) ... que é muito largo, né? Cem metro dê distância tava aquele cipó quebrado. Era tudo mosgalhado ... e o velho Sabá disse:

- olha! aqui a onça pegô uma anta (alguém interrompe) ... pegú uma anta. Aí, ulháru por ali ... acháru. Era um buto laranja. Tava murto. A onça tinha tirado só o coração pr'ela cumê.

E-Como é que a onça entrou na água?

F-Não! cumo é quê[iɫi] fui pará lá, né? Uma distância daquela com cem metro, né? Então,

[iɫi] tava andando, né? Antigamente ixtia munta coisa, né? hoje não ixtie mais, purquê, antigamente ... como <-tor dia> eu tava cuntando: lua cagava, hoje ela não caga mais.

E-Que que cagava?

F-(risos) A lua (risos).

E-Como era isso?

F-Não! Era ... não ... que amanhecia assim, vermelho, às vezes, aí, o pessoal dizia assim:

- olha! merda dê lua!

Os velhos antigo, né? Hoje ela não faz mais cocô, a lua (risos).

E-Como é que dá o nome pra mata que inunda?

F-Igapó, né?

E-Quando alaga na terra firme? Ou só tem o igapó?

F-Não, igapó quando alaga, purquê a tera é baixa, né? Alaga. A tera firme que alaga é vazão, né?

E-Os braços dos rios, como são chamados?

F-Acho que ... tudo tem nome, né?

E-Tem os igapós e o que mais? Aquela entrada que tem lá na ponte?(est)

F-Aquela é a róa Tupinambá que chamam, né? Aquilo é igarapé, né?

E-E depois do igarapé?

I-Chamávu varador, né?

F-Varador! Tem o braço do ... [do, tem o braço]- aqui dô Pariqui, tem ô braço que vai prô centro da cidade, né? Tudo isso é braço, né?

E-Não tem furo?

F-Não, agora só ali no Frechar que tem furo, é.

E-E o que é furo?

F-Furo! É uma gróta funda, né? que quando entra água, ela entra pra lá, compreendeu! Dá-se o nome dê fôro. Corre muito. Dá-se o nome dê fôro.

E-Quando o rio tá muito agitado, como se chama?

F-É, porque, quando o rio tá muito cheo já, não é munta coredêra prô fôro, né?

E-Quando passam as embarcações que, às vezes, alaga as canoas, como se chama aquelas ondas?

F-Banzêro, né?

E-Antigamente os navios alagavam muitos barcos?

F-É. Não tem mais isso, não. Nosso barco sê acabú aqui no temporal. Tem um temporal dê cima ... eu mé lembro o dia dê

primêro, nós se livre. Dia primêro. E quando foi ... eu já tinha cumprado essa casa aqui, eu já tava com a Zizinha aqui, nós já tava com essa casa aqui, mas ela viajava cumigo, né? Aí, dia dois, e nós careguemo dê mercadôria, né? Quando foi dia dois eu tô até aqui, quando dissêru:

-Olha o temporal!

Vinha quebrando o açazer, ... <queles> açazer vinha quebrando pelo meio, pra lá pr'onde eu tava remando com o Chico agüentando o mutor ... (inint) ... (barulho) de criança). Quando eu foi querê agará a tôda, <quage> eu moro embaxo.

E-Que é tóda?

F-A tôda do mutor assim como [este] ...

E-[A] cobertura?

F-É. <Quage> eu môro, aí, eu saí pra tera, aí ... eu foi achá graça, né? eu não podia chorá.

E-Tava cheio o barco?

F-Não cheio o barco ... e acabú acabando tudo, era melhó ri. A vida tá ganho, né?

E-E o temporal de cima é perigoso?

F-Deus defenda! Temporal dê cima que é piriguso.

E-Como é? De onde vem?

F-Ele vem ...<cabando> <tu->... [nili] vem daqui dê cima. [li] vem contra a marisia, contra o rio, né? purquê o rio córe, [ili] vem dê lá, ó! E dá cum o banzêro daqui. <Diusu> livre! Fui dezessete mutor aqui prô fondo.

E-E aquela terra que cai no rio?

F-Aquela tera caída, né?

E-Por que acontece?

F-Purquê acuntece? Purquê ela ... bate o banzêro, come pur baxo, aí, ela vira.

E-Ah! Come por baixo! Aí, joga ... [as árvores] ...?

F-[É]. A tera, [é] ...

E-[Como] chamam aquelas árvores que ficam na beira do rio, amontoadas?

F-Muita, né?

E-E aquelas árvores que caem nos rios?

F-Aquilo é miratinga! Dá-se o nome miratinga. Aquelas que vira, né? aquelas grande ... [figuêra] ...

E-[Por] que os donos de embarcação tem medo dessas árvores?

F-É purquê de repente vira em cima da tólda do mutor dele ... é só uma, né?

E-Não é um perigo pr'as embarcações?

F-É. **[Dius]** defenda! Agora prô parcêro não é. O parcêro já tem aquela segurança dê baxo, né? Dê féro, que protege a palheta, e pronto!

E-A palheta [é] ...?

F-[É] o que leva [o] ...

E-[Que] orienta, né?

F-Pur quê o nosso nome semo Palheta! Que nós temo muitas furça (risos).

E-E aquela terra que alaga, como é o nome?

F-É várgea, né?

E-E o atalho do rio que vai por trás das casas?

F-É furo. Dá-se o nome dê furo.

E-Mas aquele que passa por trás?

F-É o bambural.

E-Por que bamburral?

F-É purquê o bambural, **[iAi]** cria tanta [-ssananga] ...

E-[Saninga]?

F-Aninga! É cheo dê capim, cheo daquele apezinho, né? Então, dá-se o nome dê [bambural] ...

E-[As] pessoas não [podem] ...?

F-[Nem] andá, purquê é todo duro aquele capim, né? só quando tem caminho [mesmo] ...

E-[Tem] um nome pra água quando fica escura?

F-É purquê, quando dá o repiquete, né? Aí, ela (inint) ... como ela tava azú, né? (alguém interrompe).

E-É perigoso?

F-É. Purquê a água branqueja, compreendeu! Aí, então fica a água suja, assim como está, que quando é verão fica azôr, a água fica azulada.

E-Quando dá o repiquete, tem algum bicho que vocês temam, principalmente nas praias?

F-Não, quando dá o repiquete ... tu sabe como é .... <-té> as fruta cai. As castanha cai, quando dá o repiquete. Dê quarqué fruta sente ... a tera.

E-E agora tem medo de ir tomar banho?

F-É. Mas tem medo agora, purquê quando chega o repiquete dá muita <-raia>. Muita <-raia>. Então <fi-> ... o pessual num vai mais, só no verão mesmo quê vão.

E-É perigosa a arraia?

F-É. **Dius** defenda! Nem quêra sabê! Aquilo dói, [dói]- que não tem quem agüente.

E-E quando são ferrados, que fazem?

F-**[iAis]** vum se tratá. É, [é]- negócio dê lête muça, né? Negóço dê castanha ralada, é tudo isso aí. É <rapa> dê remo! <Pá> podê passá. Mas aquilo é uma dor ... acho que não há quem agüente <quage>!

E-Rapa de remo? Que é isso?

F-É ... pra butá na cesura da <-raia>. Purquê ... vú tê dizê que o ferão dela é mais grosso que isso, que entra no pé do camarada. Eu nunca foi ferado e tenho fé em Deus dê nem é. Que a Jaí andava cumigo, né? nós tava butando a bucha do mutor aí, no porto ... e o Jair digo ... Jair, eu disse:

- ainda agora eu vi um negócio esbarrando aqui no meu pé. Quem sabe se não é <-raia>!

Eu disse. Aí, ele fui caí, camarada! Fui em cima da <-raia>. Esse home caiu lá dê cima, assim, dê tanta dor. Ele veio pro hospitar, aí ajeitú e deu injeção, mas quando! Ele gritava, gritava e rolava.

E-Não tem remédio que dê jeito?

F-Não, não tem!

E-Remédio de farmácia?

F-Remédio dê farmácia não dá jeito. O que dá o jeito nele mesmo é ... a <-raia> mesmo, é o leite da caxingôba chamado. Já viu falá em caxingôba?

E-Que é? É uma árvore?

F-Tem aquela utra ... miratinga, e tem a caxingôba.

E-Dá um leite?

F-Dá um leite. Aquilo qu'ê bom pra ferada dê araiá.

E-E quando o rio tá secando, e de repente ele enche de novo, como chama?

F-Qué dizê que **[iAi]** e vazô, né? (risos)

E-Tem outro nome?

F-Incheu vazô. Torná inche dê nuvo, assim fica fazendo. Mas as fruta cai muito. As planta, elas sente.

E-O que vocês aproveitam quando o rio tá cheio? Em que beneficia vocês?

F-O rio tá cheo, <binifia> a castanha, <binifia> o pêxe, né? é fácil dê pegá o pêxe. Tudo aí é com facilidade.

E-E quando tá seco?

F-Tá seco já é difícil. Sabe purquê, [purquê]- a buca do igarapé fecha, né? não tem mais pra onde í, só quem tiver canua em lago.

E-Mas vocês não plantam [feijão] ...?

F-[Não], pessuar planta fêjão, né? [melancia] ...

E-[Onde] planta o feijão?

F-Planta o fêjão na praia, é. Melancia ... mas melancia plântu no ruçado, na praia ela num dá. Dá fêjão, dá ... aquele cumo já ... (hes) dá arroz.

E-Até arroz?

F-Aroz! Este ano plantáru muito na praia.

E-A população se beneficia com os dois momentos: de enchente e de vazante?

F-É, dê vazão.

E-Tu gostas mais do qual?

F-Eu gosto dê todas dôas (risos). Que chea é bom, purquê a gente vai ... olha! daqui pra baxo, pro meu lugar, olha, demora uma hora num rabetinha desse, e quando é séca, é duas hora. Subida é ... demora mais, purquê córe muito.

E-Quando o rio volta ao leito normal, tem algum nome?

F-Qué dizê que tá secando o rio, né?

E-Existe uma correnteza contrária ao canal do rio?

F-Existe. O remanso, [o remanso]-!

E-E como é?

F-É purquê que naquela vorta que dá, qué dizê que dá aquela vorta do rio, né? aí fica o remanso, na ponta da curenteza.

E-A água fica mais agitada?

F-A água fica mais mansa, purquê ela dá pra cima, né?

E-Ah! Ela fica mais mansa!

F-É. Agora na punta, ela fica agitada, que córe muito.

E-Quando vai com as embarcações, preferem o quê?

F-O remanso.

E-Tem algum nome de restinga?

F-Restingal!? Tem!

E-Que é restinga?

F-Restinga é uma bola dê tera, assim, tipo uma ilhazinha. Ela vai prô fundo, quando seca ela fica. Dá-se o nome dê restinga, né?

E-Mas pega fogo?

F-Não! Se tiver cacaia, pega fogo.

E-Que é cacaia?

F-Cacaia é pau seco. É ... (inint) ... cai uma pórção dê pau seco, e toca fogo. Dá-se o nome de cacaia.

E-Tem algum nome pro mato que fica em frente do igapó? Como chama aquele mato?

F-É morerô. Aquele morerô pajé! É, capim!

E-Mureru serve de comida pra algum peixe?

F-Serve. Morerô também serve ... alimento pra pêxe, a raiz dele ... a raiz n'água, né?

E-Como chama aquele amontoado de capim que desce o rio?

F-É bola dê capim que chamam, né?

E-E aquele bicho que dá em cima da água?

F-Que dá em cima da água? **[akili]** é o tar dê ... como é o nome dele? Que é bom pra passá na perna da gente pra sabê [anadá] ...? (hes).

I-[Piulho-d'água].

F-Piulho-d'água! passá na perna!

E-Piolho-d'água? Ah é! Passa na perna!?

F-Pra sabê anadá. É quando as criança ... antigamente existia isso aí, né? a mãe pegava o piulho-d'água, passava na perna pra sabê anadá, meu filho! Nas perna, nos braço. Dá-se o nome dê piulho-d'água.

E-O negócio era pegar o piolho-d'água, né?

F-É. (risos) ... é bem ligirinho, né? (risos).

E-Que é catorizeiro? E aninga?

F-Aninga é uma árve.

F-Catorizêro é utra <árve-> ...

I-Catorizêro, é bem capitorizêro, né? que era chamado.

F-É.

E-E a embaúba, ela dá na beirada do rio?

F-Na berada do rio!

E-Como chama a beirada do rio?

F-Só pode sê bêra-má (risos).  
E-Dizem "Ele foi lá pra bêra-mar"?  
F-É. **[lɐi]** fui lá pra bêra, né? chama bêra, né?

E-Tem outro nome, não!  
I-Na margem do Madêra!  
E-Fulano mora lá pra <be-> (est).  
I-Pro beradão, né? (risos) chamávu também.

F-Lá pra baxo, né? (risos).

E-Como é o vento que vem de cima?

F-É tempural pirigoso! O vento que vem dê cima. É difícil dá assim, só dá assim pôco. Mas também tempural que dá dê cima, é pirigoso que existe é o tempural dê cima.

E-E de baixo?  
F-Dê baxo, tudo tempo dá tempural.  
E-E o vento que vem da terra?  
F-Aquilo é vento terral!  
E-Terral? E o vento que varre a terra?  
F-Ah! Aquilo é remuinho.

E-Aquele remoinho tem o poder de derrubar uma árvore?

F-Tem! Tem puder dê deribá, e muitas árve. É o furacão! Olha! eu já vi aqui em Borba, logo que eu cheguei ... eu tinha um <ba-> bem aí na bêra, bem lá na bêra. Pegú um remuinho assim no rio, bem assim, bem aqui defronte do Jaraqui. Ele subiu (inint) ... uma nuve ruxa, mais por ali, ó! O Valtenô vinha daquele [lado] ...

E-[Uma] nuvem quê?

F-Uma nuve preta, puxando aquele <caloro> de água lá pra cima. Mas era um furacão ... pra cima <fa-> ... e as mulherada chorávu, utra gritávu. E pra onde que fui **[isis]** pau que subiu? Canarana! Vartenô vinha **[dakiɐi]** lado, mutor da linha. Se viesse um mutor (inint) ... cum prazo mais u <meno-> dê uma hora e mea, <-cabô> aquilo, ficô só pingando da nuve aquelas água. Era perto, a gente inxergava benzinho. E o capim que passô no rio, né? subiu! Furacão!

E-Tu achas que ficou onde?

F-Eu acho que ficú pra alguma nuve, quieto pra lá, né? Purquê num <-credito> que ... divia ter caído, né? mas ficú só pingando daquela nuve ruxa (preta) que tá lá em cima, né? só pingando aquela água.

E-Quando a pessoa tá com prisão de ventre, como se diz?

F-Dê vento da bariga. Rapaz! Tá meio difícil qu'eu nonca usei isso, né? (risos).

E-O vento que dá na barriga, é um [vento] ...?

F-[Encausado], né?

E-Como falam quando a mulher tá grávida?  
F-Quando a mulhé tá grávida, pessual antigamente dizia que ela tava prenhe, né? (risos)

- Fulana tá prenha, né? (risos).

E-A pessoa que é feliz na caça e na pesca, como é chamado?

F-É feliz, né? Que ... olha! tem gente que joga na loteria, é feliz, né? ganha! Os utros joga, não ganha, né? felicidade nasceu pra todo não!

E-As pessoas orgulhosas que não gostam de falar com os outros? Como chama?

F-Pávula.

E-E quem conta muita vantagem?

F-Aquele é o vantagêro (risos).

E-Pra bater nas crianças, quais as palavras que usam?

F-Uma lambada, né? uma parmada! um cóqui!

E-Mas tem outro nome pra pancada na cabeça!

F-Mas aquilo é muro, já!

I-Cóqui, cascudo!

F-Cascudo. <-inda> tem o cascudo, né?

E-Dar uma surra tem outro nome?

F-Uma peia!

I-Dá umas lambada!

F-Utro dia eu <di> umas lambada na Zizinha dê imbigô dê boi, né? (risos).

E-Como é que faz esse negócio, o imbigô?

F-É, ispicha o negôço do boi, né? ispicha e distila bem. Eu tinha um aí, né?

Falante: nº 02  
Nome: AnOM  
Idade: 75 anos  
Local: São José (mun. de Borba)  
Profissão: lavrador  
Escolaridade: 06 meses

E-O senhor pescou muito por esses rios?  
F-Pesquei muito. Pescava ... vamo dizê ... pescava, flechava, arpuava, tarrafiava ... (inint) a pescaria, né? é, eu fez muito isso. Pra mim é ... pescava assim, saia ... trabalhava em siringa, cortava uma hora da madrugada, como a mulhé tá cansada de dizê, ia <mimbora> pescá, que [nakilɨ] tempo tinha meus filho pra sustentá, né? e num tinha utro jêto, a gente ... o patrão da gente ... tinha esses patrão aí, vindia tudo assim de, [de]- pôco, né? É. gente num podia cumpra (inint), <-ente> matava um pêxe, uma cuisa, pra vendê ... fazia uma farinha ... (inint) fazia ... [fazia]- roçado, e plantava tudo <is-> ... fêjão, <mi-> ... tudo isso que a mulhé tá falando, foi de fato que nós fizemo.  
E-O senhor plantava feijão, onde?  
F-Aqui mesmo nessa terra, [mas] ...  
E-[Qual] é essa terra? Terra firme?  
F-É várgea. Então, qu'isso aqui era, num era assim, num tinha esse cacoar, né? <-ente> <-proveitava> ali, huje em dia ninguém pode plantá nada aí, porque tá tudo plantado.  
E-Alaga aqui quando enche?  
F-Já alagú <qua-> ... (hes) ... três vez, já alagú.  
E-É perigoso quando [ta] ...?  
F-[Não]! Purquê vai, [vai]- inchendo água, ela (inint), passa'qui pur baxo do asualho, <-ente> fica aqui em cima, só vê (inint) do pêxe ... (inint) ... zou, zou, zou, passando aí.  
E-É o que do peixe?  
F-Pêxe ... ele passa assim ... dá muito pêxe, né? ele tão passando aí pra dentro, só se vê eles brigári aí ... jacaré urrando aí atrás! Até pur baxo do soalho, às vez ele vem ... sucuriju ... mas cum a gente não é piriguso não, é piriguso cum criação da gente, né?  
E-O senhor nunca viu um caso de um sucuriju pegar alguém?  
F-Não! Nunca vi! E nunca vi, também, sucuriju como dizem que tem, sucuriju grande, nunca vi, mas eu <-credito> que tem, purquê muitos díze que tem, né? (inint).  
E-Como é que faz pra zagaiar o peixe?

F-É ... zagaiá e cum a lanterna, focando e arpuando [iɨi]... de [nôte] ...  
E-[Pescar] com outros tipos [de] ...?  
F-[De] frechá, é [iɨi]stá ali ruendo, quando não [iɨi] tá de cabeça de fora, flecha ele.  
E-E acerta mesmo?  
F-Acerta, é ... (risos), <-ssa> vida dô interiô, né? tudo ribirinho, né? aponta bem ... [iɨi] tá cum a háste aqui ... esperando, quando vem, se a pessua for bom de arpão, ele arpôa mesmo.  
E-Arpoar é o mesmo zagaiar?  
F-Não! Zagaia é três bico assim e o arpão só é um ... [um]- que se faz num ... numa háste assim, châmu háste, quando o pêxe bate, diságua, aí ... sarta poêra e agasalha o materiar pra frente, briga cum ele.  
E-De tarrafa, o [senhor] ...?  
F-[Tarrafa] ... eu ... jogá aí pela bêra, onde tem [pêxe] ...  
E-[O senhor] tem alguma história que presenciou?  
F-Pelos lago ... é até não, porque eu puco anda ... ando, né? puco andei pur aí, num sei cuntá nada dessas cuisa, não, é. Eu murei aqui mesmo, aqui'stô, vai ficá pó ... num vai (inint) como meus vizinho pur ali, daqui vu pra ... em Manaus num dá pra mim cuntá certa história, né?  
E-Saía que horas pra pescar?  
F-É ... pra pescá é...aqui num tinha hora, era só embarcá aí na canua e saí. Nos meu tempo [isi] rio aí era farto de pêxe, muito pêxe ... aqui dá um bichinho como carapanã ... châmu narinari, ele dava no mis de utubro, aí ... eles caía n'água e os pêxe íum cume ... era tambaqui, era pirapitinga, era pêxe miudinho, (inint), que châmu, pixinho <destamanho> que tem um ferrãozinho e aí ... o bicho istrondava aí no meião, pêxe liso cumendo de graça ... (inint) ... arpuava ele, tão ... aí ... arpuava e matava.  
E-Qual a melhor noite pra pescar?  
F-A melhor nuite pra pescá é quando num chove, é ... uma nuite clara, assim, é bom!  
E-Noite de lua?  
F-Na nuite de lua, também, é bom, que gente inxerger melhó, né?  
E-Não tinha uma forma de fachear?  
F-Fachia ... é ... [fachia]- ... châmu fachia ... porque a gente vai ... tudo é mesma cuisa ... zagaiá é mesma fachiação, né? que a gente vai fachia.  
- Vamo fachia?  
- Vamo!

Mas num é fácil, não! Em utros tempo ... no meus tempo, antes ... logo que'ô ... [que'ô]-tava me formando, já tá rapaz, fachiávum de ... [de]- facho mesmo. Eles fazíum <-queles> facho de...(inint) de inajá, <-da> tinha inajá aí, tírum <-quelas> fatia de tala ... fazíu aquilo, amarrávum muito bem ... um ia sigurando no facho, e utro ia ... arpuando (risos).

E-Então, por isso que é fachear! Mas é tipo uma zagaia?

F-Eeeeeé ... eles ... o facho era pra alumia, pra inxergá a pêxe, e o que ia pra [zagaia] ...

E-[Ah!] O facho [é] ...?

F-[Eeeeeé] ... o facho é pra alumia, num é cumo huje em dias que já tem lânterna, né? é ... têm [lanterna] ...

E-[Mas] isso era no rio [ou] ...?

F-[Não!] (inint) em quarqué parte, onde tinha o pêxe ... lá mesmo ele pega. Caçá de nôte, também ... paca! tatô! viado! anta! ... pela bêrada ... já ixistia o nume de fachiá...saía fucando cum a lânterna e (inint).

E-O senhor, caçava também?

F-Eu! Cacei um [bucado] ...

E-[De] quê?

F-(inint), de ispingarda, é ... ispingarda!

E-Qual era a munição?

F-A munição? É pórvora, chumbo e ispoleta ... e, a gente carrega o cartucho, põe primêro a ispoleta no, [no]- fondo do cartucho, põe a pórvora, põe uma bucha em cima ... bucha que se chama é um papel ... soca muito bem, aí ... mete o chumbo ... atira cum ele.

E-Que o senhor matava? Macaco! ...

F-Tudo tipo de bicho.

E-Mas, o senhor comia macaco?

F-Óh!, é ... (inint) **[nakili]** tempo eu cumia, mas agora num cumo mais.

E-Por quê o senhor não come?

F-É porque ... sabe! gente fica assim ... meio <arre-> ... receiado, né? porque, eu vu te dizê <-ma> cuisa: eu cumia ... até jacaré andei cumendo, huje em dias, eu num cumo mais (risos), jacaré! ... esse negóço de ... [de] macaco ... isso cumia muito, mas huje em dia, num cumo mais, porque **[nakili]** tempo (inint), <gen-> cumia porque tinha, né? cumia, porque (inint), mas agora não, agora tem utra qualidade ... tem utro tipo, <-ente> cumpra um pêxe, cumpra uma carne, cumpra uma cuisa ... melhorô muito, é.

E-A vida melhorou bastante, né?

F-É. Bastante! É ... <-gora> melhorô muito.

E-Tem medo do rio? Já viu alguma [coisa] ...?

F-[No rio], não! Nunca! Senão argum jacaré grande ...! é ... [é]- ... três metro, quatro metro ... que tenho matado aí (inint) baxando aí ...(inint) aqui atrás, também, quando dá cheia grande, **[ilis]** vênhu aí ... sucuriju que eu já vi ... maior qu'eu já vi foi de vinte e cinco palmo, [maior] ...

E-[É pequenininha!] Dá pra engolir um homem?

F-Dá! Eu acho que dêa, porque é (inint) <quage> (inint) essa grossura assim, e o bicho tem uma guela grande, né? ... um home mesmo não, mas uma criança ele ingole, é.

E-É verdade que, se cortar o sucuri e não cortar o espinhaço [ela] ...?

F-“Esso”, eu vejo falá, né? mas qu'eu <-inda> nunca vi, mas eu vejo dizê, que quando corta ela, [ela]- imenda ... vai imbora, imenda de nuvo ... até, [até] ... (risos) ... eu vu lhe cuntá uma história de sucuri agora. Curtáru um e dêxáru í imbora, quando foi notro ano (inint) a sucuri, lá (inint) na mesma parage que ele cortô, né? (grito de criança) matáru ele, já tava meio do avesso ... já o ânu dele já tava pro lado de cima e o piscuço, pro lado de baxo (risos) ... imendô já erado (risos), é. Assim consta, né? qu'eu num vi, cumo diz ... muita história que cónту, (inint)...<-inda> é assim, né? (grito de crianças) ... o ânu dele chega pra caí, né? mas cortáru ele ... ficô tocô já ... imendô ... digo é ... pra cima, é.

E-O senhor acha que a banha do sucuri é bom, pra quê?

F-É ... muito bom! Muito bom pra firimento, principalmente ... que antigamente ... eu num tinha cumo cunsigui o remédio bom, né? e agora eu descubri que é pra quarqué firimento (inint). Tem um firimento ... eu acredito, porque aqui mesmo eles se cúrum cum isso, né?

É, põe na ... [na]- ... [na]- ... se o firimento for grave, a gente num passa im cima, passa assim pela ilharga, porque sê passá im cima ... sara, e fica vivo pur baxo, e assim não, a gente passando assim pela ilharga, em vez de passá pur cima ... sara logo ... e fica vivo pur baxo, é ... sara!

E-Aqueles óleos que tiram aí, na mata, que também é [remédio] ...?

F-[Éeeeeé]. É copaíba ... [é ... copaíba]-!

E-E o outro que amarga?

F-É andiroba! [Andiroba]-! ... e tudo a gente tem aí ... copaíba! andiroba! ...

E-Como é que tira a andiroba?

F-A <ca-> ... andiroba é que ... eu ... é fervido aqueles caruço assim ... aí ... vão pilá ... e aí ... eles vão tirando aqueles ... pur aqui, aí, ali ... eles fázim, mas é assim fervido ... tem aqueles carucinho assim, é, maió que essa castanha, eles [faz] ...  
E-[O senhor] lembra como era o nome da semente?  
F-Não! Num mé lembro!  
E-Não era pevide? (est).  
F-É pevide, só chámu ... é pevide ... andiroba! é.  
E-E como é tirada a copaíba?  
F-A copaíba é tirado cum ... [cum]- trado chámu ... dá-se o nome de trado, né? (grito de crianças), aí ... desce o olho ... eles párum na lata, é...quando terminum de tirá que termina o ólho, eles fêchu lá (inint).  
E-Fecham o buraco, né?  
F-É. tápu assim, é, quando é nutros anos, eles vão de lá, tírum de nuvo (inint) crescê.  
E-Quer dizer que o óleo fica dentro?  
F-Fica dentro, fica assim cumo ... mesmo cumo uma cobra, e mesmo uma mulhé quando tá gestante, né? chega fica tufado, é.  
E-Então não precisa derrubar a árvore?  
F-Não! [Não]! [Não]! Num precisa não. Assim que eles tírum.  
E-Como chama essa agitação do rio?  
F-Bom! Isso eu num sei também ... (grito de criança)  
E-Numa ponta d'água, por exemplo, quando o rio está muito agitado e [espoca] ...? (est)  
F-[É], [é]- ... rebôjo, né? Dá-se o nome de rebujo.  
E-Quando o rio corre ao contrário da correnteza?  
F-Dá-se o nome de remanso, é...remanso.  
E-Quando acontece o remanso?  
F-É agora! Que as ... [as]- água pássum e dobra, né? (inint), dá-se o nome de remanso.  
E-Mas, é todo o tempo que dá?  
F-Não! Quando ... séca que fica parado o rio, num tem nada disso.  
E-No tempo de cheia?  
F-É. Só agora é ... tempo de cheia ... já viu (inint) o rio vai passando aqui e ... aí ... (inint) faz o remanso, cumo ali no Castanhar, São Sebastião ... pra lá pr'issas coisa, ponta d'água, é ... já corre pra cima, né?  
E-Em vez de ir pra baixo, ela corre pra cima, né?  
F-É. Dá-se o nome de remanso.  
E-E o rebojo, dá muito medo?  
F-Rebojo, dá medo! <-quile> funir, <presque> chámum de funir ... tem um pau,

eles lévu cum tudo, <-té> uma canua ... acho que ... num sei se eles lévu, é ... que aquilo ... vem a água, dá na pedra lá no fondo, e ... aí ... sobe aquele, <-quela>, [aquela]- água (inint) aquele rebojo!  
E-Se cair uma [pessoa] - ...?  
F-Se caí uma pessua aí...num iscapa não ... (inint).  
E-Nem que saiba nadar?  
F-Nem que saiba nadá! Que sabe, aquilo num agüenta, torce <-quilo> assim, e é grande. Tem aí no ... [no]- São Sebastião, tem aí no Castanhár tem. Aqui tem, mas né ... num é muito ... num é bem tempo dele.  
E-O tempo dele é [na] ...?  
F-[É] ... mês de feverêro em diante ... março ... pur aí ... já ...  
E-É na enchente?  
F-É. Na enchente ... agora quando vai vortando, num tem mais isso. Vai se acabando (inint), fica aquela curidêrazinha (inint).  
F-Suas embarcações nunca alagaram?  
F-Não! Eu não ...! e eu facilito ... que ... eu, quando eu tenho mia canoa aí, nessa mia canoa (inint) ... uma maresiazinha, aí qu'eu gosto de <-travessá>, qu'eu gosto de í naquele balanço ... lá em cima ... qu'essas maresia que faz ... eu chamo <pleco-pleco> pra ela, quela que é arriscado alagá a gente porque vem miudinho, né? não dá tempo de a gente ... e a grandona não. A grande (inint) tem muita gente que ficu cum medo de viajá.  
E-[Como é o nome] da grandona?  
F-[Éeeeeé] ... Dá-se o nome de banzêro é ... banzêro! nós aqui chama banzêro.  
E-O senhor trabalhou na juta?  
F-Muito! Trabalhei muito! Até em tabaco eu trabalhei!  
E-Como é que planta o tabaco?  
F-Tabaco ... é a mesma cuisa. Gente roça, alimpa bem ... e tem os filho, faz o cantêro que chámu ... dá-se o nome de cantêro ... huje em dias é (inint), aí ... a gente arranca ele...aquela raizinha, assim ... <-tão> meio surta, separadinha, né? a gente vai plantando em carrêra, assim, é ... aí ... ele vai crescendo ... [crescendo]-, depus cata ele ... aí ... vai tirando aqueles (inint), depus quebra, mete na palha ... aí ... [forma] ...  
E-[Mete na palha]?  
F-É. Aqui assim, as fulha, é.  
E-Pra quê?  
F-Pra secá ... aí ... dipus de secá, a gente joga aí em cima do soalho ... aí ... numa parage ... quando é purção mesmo, gente

cunvida os vizinho ... aí ... [aí]- ... vão arrumá ele tudinho, bem arrumadinho ...

amassa ele bem amassadinho, quando ele já de (inint) ele tem um mér na [fulha] ...

E-[Mas] é doce?

F-Não! Chama-se mér, porque é ... (inint).

A gente arruma, a gente fica aí (grito de crianças), <-ente> faz assim, arruma assim: uma im cima da outra ... <-quelas> pastas assim ... vai, [vai], [vai]-...aí...tem um peso grande, a gente amassa, quando é nutro dia agente vai arrumá. Faz o mole, dá-se o nome de mole ... dois quilo, quatro quilo (inint), (grito de crianças). Tem um negócio que aperta assim, né? mas aí já ... [já]- é na munheca, né? já poda, a gente compra manilha ... aí ... forma o mole, [é] ...

E-[Manilha] é o quê?

F-Manilha! É isso daqui, ó!

E-Ah! Corda!

F-É. Corda, é. Tem pur aqui (inint) ... manilha.

E-Quais as espécies de tabaco que fazem?

F-É ... gente só faz mesmo (inint) quanto queira, dá-se o nome de mole ... quantos queira!

E-E aquele enrola, mei melado?

F-É. Bom! Aquele eu num sei. Aquele é pra lá que fázi [aquele] ...

E-[O senhor] [sabe]...?

F-[Não]! [Não]! [Não]! Aquele a gente já viu, mas não vinha pra cá, num fázim ele não. [Nós só faz] ...

E-[Como] fazia o fumo? Depois de pronto?

F-O fumo? Depois de pronto, bota e miga, talha [ele] ...

E-[Miga], né?

F-É. <Mi-> ... é. dá-se o nome de miga, né? é cuma faca bem amuladinha. Misgalha e faz cigarro, é. Já fiz muito isso ... agora não!

E-Vocês conhecem quando o cigarro é do bom?

F-Cunhece! É ... [é]- porque ele é forte, <-ente> ia fumá ... <-ente> cunhece ... é forte, é. (inint).

E-Pelo cheiro conhece?

F-É pelo chêro, também ... iu acho que esse trabalho que nós fazia ... que num faço mais, né? teve mais melhó mesmo do que huje em dia, essas tar de onça que vem...esses tabaco que tem huje ... (inint) ... o cigarrinho que tem muita ... [muita] <agridiente>, né? faz mar e ... a ... e antigamente eu fumava (inint)...faz mar, porque num tem <agridiente> nenhum ... é da fulha [dele] ...

E-[Como] era o nome daquele cigarrão?

F-Charuto.

E-Não! O que o caboco fumava ... botava [no] ...?

F-[Ah]! Masca?

E-Tinha a masca e aqueles grandes, feitos com o papelinho pra fumar?

F-Puis é! [isi] mesmo qu'eu tu falando.

E-Como é o nome?

F-É. O nome é o mole que nós chama mole ... [mole]-, é ... mole de tabaco. Vende mole de tabaco, vende cum grama de tabaco ... aí ... eles córtu os cem [grama] ...

E-[Mas], depois ticava, [migava] ...?

F-[É]. Depus tica muito bem assim, misgalha e põe numa lata ... na (inint), põe o papilinho, isquêro e pronto!

E-Tinha uns que eram bem [grandes] ...! (est)

F-[Eu num] sei, porque ... é o charuto que chamam, é.

E-Não tinha o nome de porronca, não?

F-É. É. Porronca também! Mas nós chamava ... é porronca [é] ...

- Vamo fumá um porronca! Fumá um porronca!

É mesmo agora qu'eu me alembrei, (risos), porronca, é.

E-Servia pra espantar bicho?

F-Só esse ... coisa de carapanã ... <-ssas> cuisa. Ispantá mesmo! É, porque, às vez, a gente aperreado cum mosquito, uma cuisa ... Cum o cigarro, ele vai imhora mesmo. A fumaça ispanta.

E-Não tem tempo de estar batendo, né?

F-É.

E-Não ficava porre?

F-Não! (inint) acostumado, num fica, mas eu tava acostumado, mas diversas vez, eu (inint) parava de fumá, né? olha! quando eu ia fumá ... é um porre, e um porre feio, que a gente num pode alevantá. Dava vuntade de provocá, e fica aí cum a ... pió de que a cachaça mesmo, é. Pió de que a cachaça!

E-O senhor fumava escondido do seu pai?

F-Não! Eu ... quando meu pai murreu, eu'stava cum nove ano, é. Murreu tudo só num <an-> ... num mês. No tempo da malária que chamávum, né?

E-Eles pegaram malária?

F-É. Huje em dia é ... era ... [naki*li*] tempo era impaludismo. Primêro nome era sezão ... é sezão é. Depus foi impaludismo, é. Agora (inint) malária, é.

E-Que tomam aqui no interior quando pegam malária?

F-Aqui, agora ... tem esses remédio próprio, né?

E-E antigamente?

F-Antigamente, vínham umas pílula aí, amargosa! Que a gente tumava, mas muita gente andárum murrendo ... num tinha recurso. Cumo aí, pra cima, diz que, tinha muita gente que até urubu cumeu, porque num tinha recurso pra ... [pra]- saí assim, sabe! Fica assim uma distância, né? um longe do ôtro, né? porque pelo menos aqui ... quando me intendi, existia três casa, uma aqui, utra lá imbaxo, utra lá im cima ... aí ... vucê sabe que, às vez, ninguém sabe nem o que tá passando cum o utro, né? é ... [é]- assim que acuntece.

E-O senhor sabe de onde vem a malária?

F-Hum não! Malária vi falá, diz que, é dum mosquito, é. Vejo falá que vem do [mosquito] ...

E-[E aqui] dá muita onça?

F-Onça? (inint) dá umas aí, que ... num ispanta ninguém não! Já tô acostumado cum ela.

E-Acostumado com a onça?

F-É (risos). Porque inxerga ela, e inxêrga a gente ela corre, é.

E-Qual é o tipo de onça?

F-É ... a ... vermelha que chámu sassuarana, é. Sassuarana!

E-Ela come porco?

F-Aqui mesmo não! ... "de qui" <-da> não cumeu, né? mas tem aí atrás, [tem] ...

E-[E] jacaré?

F-Jacaré tem muito! [Jacaré tem muito]!

E-Já comeu alguém por aqui?

F-Não! (vozes) Aqui nesse meio, pertinho de nós, <-inda> num vi falá, né? (inint) ... aí ... gente vê falá:

- jacaré pegô fulano!

E aqui ... [aqui]- nesse meio até des Borba aí pra baxo, nunca vi falá [isso] ...

E-[O senhor] vai muito em Manaus?

F-Ein! Não! Eu vu de mês em mês, às vez, de ano em ano, que mias filha mándu me chamá, mas eu num gosto (inint) ... gosto de ta'qui, é.

E-E por que o senhor não gosta de estar lá?

F-É porque aqui pra mim é melhor de que na cidade. Eu vu pra lá, às vez ... será que um caro vai me matá lá! ... ainda íu me (inint)-(risos) ... murrê imbaxo de carro, acho que não! Barulho da cidade, é. Digo qu'essas cuisas (grito de crianças), às vez, aqui ... barulho dos meus neto pra ali, desse pessuar ... num é <cal-> ... piriguso cumo na cidade.

E-O senhor já matou muito peixe-boi?

F-Nunca!

E-Já viu?

F-Já! Já vi ... pêxe-boi nunca matê.

E-Qua faz da carne dele?

F-Da carne do pêxe-boi eles fázim ... [fázim]- a tar dê mixira que falávum antigamente. E a mixira eles fazíum assim: fritávu aquela bânha, curtávu aquela banha, fritávu tudo ... aí ... íum tirando divagá ... demurava. Eu <-inda> cheguê a vê <malamar>, num me alembro muito bem. E agora num faz mas nada disso, acho que nem sábe mais, né?

E-Nem existe mais peixe-boi, né?

F-É. Ainda existe argum (inint) ... Um tempo disse meu filho arpuô um aqui no rio. E-No rio de água branca?

F-É. No rio é ... bastante passa aí. Passa pêxe-bui, passa tartaruga, tudo <icho> passa, né? <tu-> ... tudo dia, nem tuda vez, mas de vez em quando <-ente> vê buiá aí, é.

E-O que o peixe-boi come?

F-Pêxe-bui, come capim, capim da bêrada, cânárana ... [pra] ...

E-[Qual] é aquela armadilha pra pegar peixe que colocam no capim?

F-Pra ... é ... <-perai>, é ... não, porque tem um tipo de pêxe, <-ente> faz a armadilha que faz no capim, nós faz aquilo, dá-se o nome de cacuri.

E-Cacuri é uma armadilha?

F-Cacuri, né? não é uma armadilha, é uma cerca que a <-ente> faz ... [faz]- assim, no igarapé, mais refurçado ... travessa grande cum paxiúba bem afincado, no <tape-> ... aí ... fázim utra assim, ó! Esse aqui fica assim, ó! Aí ... o pêxe entra, e no que entra, fecha aquilo, fica assim a porta do cacuri que (inint). Ele entra aqui, e no <-quele> entra, ele ... fica dentro ... aí ... <-ente> pega ele. E utro é o espinher que chámu ... que a sinhora qué sabê, né? é o espinhér. É um anzór que a gente amarra numa corda e encarrêra ... e isca ... a (inint) o que fur que o pêxe come, e amara na ... [na] linha pur ali ele vai puxá ... nem demora chega lá, ele tá [puxando] ...

E-[Mas] essa frutinha que coloca é da seringa?

F-É. Seringa mesmo, é.

E-Não é venenosa?

F-Não! [Não]! Né não! (inint). Tambaqui, pirapitinga, aquilo come muito aí ... quando ispoca ... quando tem muito (inint).

E-Quando alguém está com o osso fora do lugar, como é que dizem? (gritos de crianças).

F-Ah! Dá-se ... dá-se o nome de ... é ... [é]- turcedura, né? mas nós chama aqui dismintidura (risos). Agora é turcedura, é ...

[agora é turcedura]-, nós chamava dismintidura (inint).

E-Como fazia quando estava desmentido?

F-Aí ... puxava! (gritos de crianças) ... cumo <-inda> tem diversos dele. É a única cuisa qu'inda tem (inint) ... tá se batendo aí ... batendo bola ... aí ... (inint) ... chega aí, o cara pega *tou, tou, tou*, pronto! fica duído aí uns três, quatro dia, mas ele (inint) butô no lugar, é.

E-Uma costela desmentida, o que a passoa sente?

F-Bom! Esse eu num acredito que uma custela desmintiu, porque ... [porque]-... olha! uma custela breiado na carne vai disminti? Esse ... [iAi] que ... esse eu num acredito, esse, né ... num vê que a custela da gente é uma cuisa que ... num tem cumo disminti ... <-ma> rasgadura é certo, rasgadura ...

E-Que é rasgadura?

F-Rasgadura é a carne que rasga, é ... já viu aqui carne da gente ... num tinha aquela ispuma pur dentro, iguarmente um (inint) ... e ... antão aquilo afasta (inint) -(gritos de crianças).

E-Dói muito?

F-É. Dói!

E-E o que faz para curar?

F-Aqui, faz pra curá...que tem que ... eles custúru. Os que sávim pegá, eles custúru ... uma linha, um pano, uma linha ... e ... uma agulha ... custura (inint), e passa, pronto! que [ele] ...

E-[Costura] a carne?

F-Custura, assim, pur cima da pele assim ... (gritos de crianças) ... (inint), ele tá rezando e tá custurando cum a agulha, é.

E-Costuram o pano?

F-É. E ... aí ... implasta, pronto! se num facilitá, ele fica bom mesmo. Mas eu nunca mandei, porque eu num tenho muito ... num acredito muito bem nessas cuisa, é.

E-Que sente quanda a carne está rasgada?

F-É ... [é]- que dói muito, incha, às vez, <-panha> um frio, uma (inint) e dói muito, é ... [é] isso!

E-O senhor dançou muito?

F-Muito!

E-Tem muita festa?

F-É. Dá muita festa! Sê fazia festa aqui, dançava ... depus a mulhé deu já dê me ralhá, que tamanho velho!(inint) ... aí ... fiquê cum vergunha, num saía mais.

- tamanho velho, se metendo no meio desses (inint).

Mas era qu'eu fazia, né? único prazê que ainda <-ente> tem, [eu] ...

E-[Ela] não ia com o senhor?

F-Não! Ela nunca gustô de dançá, não! Ela fui criada nesse jêto antigo, ainda é ... Eu cumo digo:

-meu pai murreu, eu tava cum dez ano, me crie prum lado e pra ôtro, pur aí...Graças a Deus! Sê respetár as pessua e ... [e]- tenho andado, num sê disimbaraçá mia língua, porque sabe, eu num'ustudei, num fiz nada pra mim, mas eu respêto as pessua.

Que ... olha! huje em dias esses palavriado, aquelas cuisa num me dú muito bem.

E-Como foi que o senhor conheceu a dona Maria?

F-É, porque eu murava <pu> ... ali daquele lado ... era ali. De lá eu vim pra cá ... trabalhá ... aí ... cunheci ela ... aí ... me casê. Ela cum dezesseis ano e eu cum vinte e cinco, é.

E-Mas o pai dela [não] ...?

F-[Não]! O pai dela, Deus o livre! Era mau que só ele!

E-Como foi que o senhor amansou ele?

F-É. Não! Ele sê cunfurmú, é ... ele se cunfurmú. Ele era mau assim o seguinte, que o cara num passava abusá na casa dele, na frente da casa dele ... falando palavriado e mexendo assim, né? ... ia ... [ia]- chamá o cara que não ... ele fazia festa, num quiria ... se subesse, num vía (inint) dele! Hã! Pudia í fora ... quando (inint) chamava ele atenção. É, era um velho direito mesmo, ele era [assim] ...

E-[Qual] o tipo de dança que [vocês] ...?

F-[Era] essa mesmo que dánçu huje em dia, mas huje já tem muita ... diversas dança diferente, né?

E-Mas, naquela época?

F-Naquela época era essa ... chamávu sámba, né? Chamávu essa utra, né? cumo é o nome dela, (inint) ... <-sal-> varsa, é, que chamávu cuntradança.

E-Contradança?

F-É. Cuntradança que chamávu, huje em dia eu num sê cumo é o nume, cumo é o nume ... <-presque> é ... sei qu'é diferente, num já é cuntradança não!

E-Vocês trabalharam com o algodão?

F-Não! <-godão>, não! (inint) ...

E-Que vocês fazem com o algodão?

F-Esses argodão você, vez retira ele pra limpá um sâgue, pra <-bu-> ... ponhá um remédio, num ... insópá um remédio pra punhá num gorpe, uma <-cuija> , é ... [é]-<-icho> é. Às vez <-té> eu ... o cara pega um gorpe assim, insopa num ... [num]-remédio, num mercúrio, uma <-cuija>, é.

E-Não servia pra preparar a lamparina?

F-É. Pro tar de pavio que [chamam] ... murrão! é murrão, é (inint) ... se é murrão ô pavio, mas era que eu ... nós chamava murrão, mas acho que o pavio ... essa aqui também gente faz. Fulha dele também serve pra fazê remédio, é.

E-Pra quê?

F-É ... pra essa tár de dur-de-cabeça, é (inint)-(gritos de crianças). Sempre lévu daqui, né? (inint). Eu num cumpro <quage> essas <cuijá>, porque ... eu sú meio ... tú nessa idade, eu já (inint) n'ospitar uma vez, é ... uma vez.

E-Só se curou com o remédio da terra?

F-É. Só cum o remédio da terra: raiz de pau ... eu ralo, tomo ... <sa-> ... saracuramirá, tár de xixuá, tár de arapuama ... que tiver, eu ponho na (inint). Eu acho é isso que me cunserve, é.

E-E a saracura pra que é?

F-Saracura é pra <guto>, é ... <-ssa> doença que a gente tem (gritos de crianças), tem diversos velho aqui (inint) ... se criáru cum isso ... andava aí pelo mato, e raspava ... <qu'ente> raspa aquilo numa cuia, numa vasilha quarqué e bate pô, pô, pô e vira aquela espuma. A gente alimpa ele muito bem, torna batê, alimpa ... aí ... <-ente> passa ela num pano...amarga! é.

Falante: nº 03  
Nome: AnG  
Idade: 87 anos  
Local: Guajará (mun. de Borba)  
Profissão: lavradora  
Escolaridade: não tem

E-Quanto a senhora mora aqui?  
F-Iche! Na ... [na]- ... [na]- ... num nasci aqui! Diz que, m'ã mãe m'ê cuntava que nós ... ela m'ê teve no Autaz. Mas ... aí ... nós ... meu avô trôxe nós pra cá, que ele t'ia um lugá aqui, e aqui [iAi] culucô nós e ... aí ... ela pegu ... criô todo nós.

E-Quanto tempo a senhora mora aqui?  
F-Eeeeeeee ... nem posso lhe cuntá.  
E-A senhora é casada?  
F-Fui casada! Meu marido murreu. Já faz ... quantos anos José teu pai faz de morto?

I-Onze!  
F-Onze ano.  
E-A senhora teve quantos filhos?  
F-Doze! E criei tudus doze e já ... tô com Vicente, porque <-da> num <-chú> uma dona pra [iAi]. E o Branco que a ... [a]-mulhé dele murreu ... vive perto de mim. E uma filha, qu'essa daqui, é casada, que mora aqui no (inint). O resto todo na ... tão na cidade. Até ontem, inda fui oma daqui. Que veio m'ê vê e já foi.

E-A senhora estudou?  
F-No tempo qu'eu ... [qu'eu]- nasci, m'ê criei, num havia ... num havia prufessôri. [Hoje] ...

E-[Só sabe] da vida?  
F-Só sei da mia vida! É qu'eu aprendi pra vivê (risos). Mas m'ê casei e teve meus filho todinho!

E-Qual é o nome dos seus filhos?  
F-Horaiciu Gomes! (inint)  
E-Ele morreu de quê?  
F-Morreu de vilhice! Tava muito velhinho!  
E-Seus pais eram de onde?  
F-Era daqui mesmo! É. Era filho daqui.  
E-A senhora trabalhou muito?  
F-E muito! Agora qu'eu num trabalho mais, purqu'eu num garanto mais andá no caminho da roça, (inint) pra ruçá a roça! Só já Vicente que trabalha cu'ma ... uma filha qu'eu tenho aí.

E-A senhora trabalhava na roça?  
F-Na roça!  
E-Como fazia pra preparar a roça?  
F-Primêro o ruçado! Dê lá, quando quêmava, incuivarava! Dê lá plantava ... dê

lá ia tratá da manhêva. Té ficá no ponto dê cumê. Mas meu filho agora (inint). Ele tá com dôas roça madôra. Meus ... num vu mais na roça, mas ele (inint).

E-Depois de plantar quantos meses leva pra colher?

F-Sêis mês ... quem qué cumê <na-> de sêis come, quem qué cumê de ano, come. E já tá cu'ma roça mais dê ano que ninguém inda mexeu! Mas [iAi] tem utra que tá cumendo.

E-Mas é boa a farinha?  
F-É ... boa farinha!  
E-A melhor mesmo é [de] ...?  
F-[Dê] ano já num dá muito boa farinha, já dá uma farinha feia.

E-Depois de tirar a mandioca faz o quê? Na sua época?

F-Era no ... [no]- ralo! Agora não, já mutô! Era tirá, dicascá, lavá e ... olha! té acabá. Depôs, nós ... nutro dia no forno! (inint) (risos) acabá também!

E-Depois de ralada colocava onde?  
F-No ... [no]- isprimidô ... no tipiti. Ia prô pau!  
E-Que fazia lá?  
F-Ispremento a água dela!  
E-A água é [o] ...?  
F-[Tôcôpi]! Aí ... ia pra penêra ... penêra pra í prô forno!

E-De que faz essas peneiras?  
F-Dê tala dê guarumã chamado.  
E-Tudo era feito por aqui mesmo?  
F-Tôdu pur aqui!  
E-Peneirava, depois [colocava] ...?  
F-[No forno], já assim, não muito quente! Aí...ia iscaldando, [iscaldando]- ... até acabá.

E-Ah! quer dizer que tinha que escaldar a farinha?

F-Já é a massa no forno! <-pôs> de pênérá.

E-E mexia com quê?  
F-Com o remo, aí ... depôs era cum o rodo, um ... fazia pra lá e pra cá (risos).

E-Vendia de saco ou como [era] ...?  
F-[Dê] ... era bem aqui, assim impalhado no panêro, <dipu-> ... agora j'ê só no saco!

E-Quarenta litros o que que era?  
I-Era um <alquê->.  
F-Era um <alquer-> de farinha!

F-Primêro o ruçado! Dê lá, quando quêmava, incuivarava! Dê lá plantava ... dê lá ia tratá da manhêva. Té ficá no ponto dê cumê. Mas meu filho agora (inint). Ele tá com dôas roça madôra. Meus ... num vu mais na roça, mas ele (inint).

E-Depois de plantar quantos meses leva pra colher?

F-Sêis mês ... quem qué cumê <na-> de sêis come, quem qué cumê de ano, come. E já tá cu'ma roça mais dê ano que ninguém inda mexeu! Mas [iɫi] tem utra que tá cumendo.

E-Mas é boa a farinha?

F-É ... boa farinha!

E-A melhor mesmo é [de] ...?

F-[Dê] ano já num dá muito boa farinha, já dá uma farinha feia.

E-Depois de tirar a mandioca faz o quê? Na sua época?

F-Era no ... [no]- ralo! Agora não, já mutô! Era tirá, dicascá, lavá e ... olha! té acabá. Depôs, nós ... nutro dia no forno! (inint) (risos) acabá também!

E-Depois de ralada colocava onde?

F-No ... [no]- isprimidô ... no tipiti. Ia prô pau!

E-Que fazia lá?

F-Ispremando a água dela!

E-A água é [o] ...?

F-[Tôcôpi]! Aí ... ia pra penêra ... penêra pra í prô forno!

E-De que faz essas peneiras?

F-Dê tala dê guarumã chamado.

E-Tudo era feito por aqui mesmo?

F-Tôdu pur aqui!

E-Peneirava, depois [colocava] ...?

F-[No forno], já assim, não muito quente! Aí...ia iscaldando, [iscaldando]- ... até acabá.

E-Ah! quer dizer que tinha que escaldar a farinha?

F-Já é a massa no forno! <-pôs> de pênêra.

E-E mexia com quê?

F-Com o remo, aí ... depôs era cum o rodo, um ... fazia pra lá e pra cá (risos).

E-Vendia de saco ou como [era] ...?

F-[Dê] ... era bem aqui, assim impalhado no panêro, <dipu-> ... agora j'ê só no saco!

E-Quarenta litros o que que era?

I-Era um <alquê->.

F-Era um <alquer-> de farinha!

E-Hoje não vende [mais] ...?

F-[Só já] no saco! Saco dê farinha, já qu'ente ia vendê. Mia ... meu filho num vende! Só pra nós cômê mesmo. Num vende, purque num qué mesmo. Num tem nicissidade de vendê.

E-A senhora já é aposentada?

F-É. Come cumigo ... trabalha pur'aí um trabalhinho, pra cumprá coisa pra ele.

E-Qual a idade do seu filho mais novo?

F-Mais novo? É o Branco, né? A ... Vicente quanto é que tem?

I-Quarenta e sete ano.

E-Naquela época, onde a senhora tinha os seus filhos?

F-Na mea casa mesmo. Eu ... ia ... (inint) uma partêra, que tinha muito pur'aqui. <-ssas> mulhé que sabium pegá criança.

E-Como a senhora esperava seus filhos? A [roupa] ...?

F-[É]. Lava a rupinha da criança ... o cuêruzinho. Apruntando (inint) pra cumê quando tivesse o bébé. Fazia bêtô! [nak[iɫi] tempo bêtô cica. É ... fazia <-quela> porção de bêtô. Turava farinha seca pra cumê cum ... [cum]- a galinha.

E-Galinha do quintal, né?

F-Galinha do quintal! Que nós ... taí uma pôrção ... é pato! É galinha! Tudo tem aí.

E-Como é que fazia essa galinha?

F-Côzido dê caldo! Guisado! (inint).

E-Comia com a [farinha] ...?

F-[Cumia] cum a farinha! Pirãozinho aí, é.

E-Não tinha medo que a criança pegasse doença?

F-Não! eram dê saúde! Graças a Deus! criei todinho meus filho ... doze filho qu'eu teve, todos doze eu criei. Veio murrê, depôs dê grande.

E-Como a senhora cuidava do ... como chama aquilo que cortam?

F-Ombigo!

E-Como a senhora cuidava do umbigo?

F-Era ... a partêra cortava, curava cum a cupaíba ... aí ... depôs dê curá.

E-Passava um paninho ao redor, como chamava?

F-Passava! Era um ... [um]- argodão "finicado?" qu'ente cumprava assim pelas (inint).

E-Tinha um paninho pra [amarrar] ...?

F-<Ra->! ... <rende-> ... aquilo já vem pronto pra <-marrá>. [A gente compra] ...

E-[Como é que] que chamavam?

F-Pênze chamávu! Limpava a criança, pronto! ... aí ... trucava ... de duis im duis dia trucava pra num dá ... Dipôs de caí o imbigio, <-ente> já curava cum remédio mesmo. [Às vez] ...

E-[Jogava] fora. Não tinha nenhum problema de jogar fora?

F-É. Não! graças a Deus!

E-Ficava quanto tempo embaixo do mosqueteiro?

F-Uito dias. Só (inint) surportava musquetêro, que me dava calor, saía pra fora!

E-A senhora ficava quarenta [de] ...?

F-[Quarenta] dia qu'eu ... aí ... eu num ... aí ... eu mé tratava bem! Quarenta dia num ia no porto, num lavava rôpa, num trabalhava. Só mesmo na ... qu'im casa mesmo.

E-E aí ... tava [de] ...?

F-[Depôs] dos quarenta dia ... aí ... qu'eu já ia ... [qu'eu já ia]- ... Mas agora num tem mais isso pr'essas mulhé. Mas, mias filha, quando tão aqui cumigo que tem bébé, elas num fázi (inint), porque assim eu fui acostumada.

EA senhora acha que é bom pra saúde da mulher fazer isso?

F-Eu digo! Porque <-inda> tu vivendo até huje! É.(risos).

E-A senhora nunca foi ao médico pra ter um bebê?

F-Nonca! [Nonca]-! [Nunca]-! [Nunca]-!

E-Era só a parteira e Deus?

F-E Deus cumigo!

E-Aí ... passava o [resgarde] ...!

F-[Aí] ... comprava [todo] ...

E-[Que] comia?

F-Era galinha! Aí ... uma ... cumida que num fizesse mar nem pra mim, nem pro bébé.

E-Quanto a senhora amamentava?

F-Meus filho! ... <-mamentava> vez c'um ano. Às vez, ante dê ... [dê]- interá ano eu tirava. Às vez um ano! Às vez, quase duis ano. Porque eu ia tendo filho assim!

Quando um interava ano, aí qu'eu mé engravidava. Quando, às vez, já'stava cum dôi ano ... (inint) chegava! E era assim! E fui assim ... dipus já era três ano. Três ano e tinha utro. Té que <-cabô>.

E-Oito filhos!?

F-Duze! Duze filho! Ah! no médico lá im Borba, quando eu foi ...

- mas duze filho a sinhora tive?

- duze! Tenho pur testemunha, qu'eu num tenho marido mais vivo, mas tenho meus filho. Duze filho!

E-Qual o nome deles?

I-D'um era Pedro Gomes!

E-Do mais velho?

F-Pedro Gomes!

I-Amazonina, né?

F-<-Mazonina> Gomes!

I-Creuzá ...!

F-Gomes!

I-Maria ...

F-Gomes!

I-Válter ...

F-Gomes!

I-Dvaldo ...

F-Gomes!

I-Vicente ...

F-Gomes!

I-Maria do Rusário (Rosário) ...

F-Gomes!

I-Maria Guadalupe ...

F-Gomes! <-cabô>.

I-(inint) ...

F-Gomes!

I-Sucre ...

F-Gomes!

E-Qual era o nome dele?

I-Sucre!

E-Quando eles nasciam que não eram batizados, eles [eram] ...?

F-[la] pra Borba mandá batizá.

E-Como eram chamadas as crianças que não eram batizadas?

F-Ah! isso que num sei!

I-Pagão!

F-Pagão!

E-la pra [Borba] ...?

F-[Pra] mandá batizá todinhos! uma vez eu [foi] ...

I-(inint) batizô, foi o pe. Bento ainda!

F-Padre Bento batizô todinho. Passô aqui no Guajará ... veio dê cima, lá dê Manicoré, incustô aqui pra fundá essa cunferença aí

... [aí]- ... **[iAi]** fiz casá todos que num érum casado e batizô todinho que num érum batizado.

E-Depois de batizados, eles não eram mais pagãos, eles já [eram] ...?

F-[Batizado]!

E-Já eram cristãos!

F-É. Já é todo pelo seus nome, já!

E-A senhora já teve muita doença?

F-Eu já teve foi muito. Nem lhe conto, que até a mão é quebrada, ó!

E-Que foi isso?

F-Queda! Eu caí ... quebrê a mão, que até agora é fria. Isso aqui num sinto. Num pego cum essa mão. Só essa!

E-Mas por que não cuidou?

F-Eu fui im Borba, [diz que] ...

I-[Ela] caiu, quibrú o braço ...